

Lucíola





JOSÉ DE ALENCAR

Lucíola

TEXTO INTEGRAL

Cotejado com a edição crítica
do Instituto Nacional do Livro.

Apresentação de

Walnice Nogueira Galvão

Conforme a nova ortografia da língua portuguesa

gerente editorial Claudia Morales

editor Fabricio Waltrick

editora assistente Malu Rangel

assistente editorial Fabiane Zorn

diagramadora Thatiana Kalaes

redação Fabio Cesar Alves

coordenadora de revisão Ivany Picasso Batista

revisão Alessandra Miranda de Sá, Camila Zanon

projeto gráfico Fabricio Waltrick e Luiz Henrique Dominguez

coordenadora de arte Soraia Scarpa

editoração eletrônica Carla Castilho | Estúdio

pesquisa iconográfica Evelyn Torrecilla e Carlos Luvizari

imagem da capa Sem título, 2007, obra de Mariana Palma

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS - RJ

A353l

29.ed.

Alencar, José de, 1829-1877

Lucíola / José de Alencar. - 29.ed. - São Paulo : Ática, 2011.
160p. - (Bom Livro)

Inclui apêndice

ISBN 978-85-08-14595-9

1. Romance brasileiro. I. Título. II. Série. .

11-1930.

CDD 869.93

CDU 821.134.3(81)-3

ISBN 978 85 08 14595-9 (aluno)

ISBN 978 85 08 12700-9 (professor)

Código da obra CL 737826

2013

29ª edição

3ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática | 1995

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 | Cep 02909-900 | São Paulo | SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 | atendimento@atica.com.br

www.atica.com.br | www.atica.com.br/educacional

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário

A cortesã e o amor romântico 7

Ao autor 13

I 15	XII 70
II 16	XIII 75
III 20	XIV 80
IV 25	XV 86
V 29	XVI 91
VI 35	XVII 96
VII 41	XVIII 104
VIII 47	XIX 109
IX 52	XX 117
X 57	XXI 122
XI 63	

Vida & obra 133

Resumo biográfico 155

Obras do autor 157

Obra da capa 159

A CORTESÃ E O AMOR ROMÂNTICO

Walnice Nogueira Galvão

Professora titular de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo (USP)

As extraordinárias protagonistas de José de Alencar merecem um lugar destacado na ficção brasileira, e não só no romance romântico de sua filiação. Em nossas letras não são assim tão fartas as mulheres com tal força de convicção, caráter e capacidade de raciocínio. E se acham presentes não só nos “perfis de mulher”, como o autor os rotulou, mas em toda a sua obra, tanto na vertente histórica como na indianista e na urbana.

Iracema é exemplar na vontade própria. Guerreira em armas, em pé de igualdade com os demais guerreiros, inclusive seu amado Martim, ocupa as excelsas posições de princesa e de sacerdotisa, enquanto guardiã do filtro mágico que dá acesso ao sagrado.

Em *Senhora*, Aurélia compra um marido a quem ama e humilha para dar-lhe uma lição, já que ele a desprezara quando ela era pobre. Algumas de suas falas estão entre as mais notáveis que já se pôs na boca de uma personagem feminina, tal a contundência com que critica os constrangimentos que o matrimônio impõe à mulher, e o dinheiro a todos.

As Clarissas e Pamelas do início do romance romântico europeu estão mais preocupadas em fisgar um noivo, donde a proeminência dada à figura do sedutor que as ronda. Mas há outra face: o amor romântico no que tem de negativo ou tenebroso, cindindo as mulheres em duas, a santa e a prostituta. Fica claro que é a sexualidade que as classifica, conforme a exerçam ou não. Logo surgiria a prostituta-santa, que, afora Alexandre Dumas Filho e José de Alencar, também tentaria a pena de Tolstói e Dostoievski. Nesse avatar, a prostituta transforma-se no seu contrário, a santa, através da purgação decretada pelo amor. Entretanto, um tal processo implicaria na rejeição total da sexualidade, assim compreendida como antagonica à pureza dos sentimentos. É o que acontece em *Lucíola*.

Grande personagem histórica e literária, que atrairia os maiores escritores, como Balzac e Proust, a cortesã, eufemisticamente assim chamada, era

uma prostituta de alto bordo. Amante sustentada por um homem rico e casado, exigia dele suntuosos presentes, concretizados na opulência e no luxo de casas, toaletes de grife, joias e adereços, carruagens, criadação. Funcionava como símbolo de status desse homem, porque exaltava sua fortuna, poder e virilidade: a cortesã existe para ser ostentada. Em Balzac, são intermitentes em vários livros, e melhor alvo de análise em *Esplendor e miséria das cortesãs*. Proust faz de uma delas uma personagem inesquecível, na pessoa de Odette de Crécy, delineando seu itinerário de ascensão social desde as origens humildes até a carreira na alta sociedade, culminando no casamento com o rico e grã-fino Swann, a que ainda se sucederiam núpcias com um duque.

Dentre tantas, a mais popular seria *A dama das camélias*, de Alexandre Dumas Filho, que depois se tornaria a ópera *La Traviata*, de Verdi, e inspiraria várias versões, inclusive *Lucíola*. Drama sentimental e até lacrimoso, conta a história de uma cortesã que, ao se apaixonar, trata de reabilitar-se. Mas seu amado vacila, duvidando que mulheres venais como essas sejam capazes de sentimentos ou de sinceridade. A dama em questão é tuberculosa, e o amor a purifica ao ponto de levá-la a abandonar a profissão. E claro que morre no fim, mesmo porque o autor não saberia encontrar outra solução.

Nos “perfis de mulher” nunca falta a bizarra cena em que elas se prosttram de joelhos aos pés do homem amado. Abjeta submissão, e mesmo inverossímil, considerando-se que o entreccho mostrou até ali sua superioridade. Mas se com isso a estrutura estética ficava abalada e o livro assimétrico, restaurava-se o equilíbrio social através do predomínio do macho sobre a fêmea, então considerado natural.

Em subtexto emana pelas frinchas o desabrochar da sexualidade feminina, duramente reprimida, dando origem a comportamentos incompreensíveis, de extremos exasperados. O amor nascente reveste a aparência de ódio, ou então de loucura. Abrigando emoções conflituosas, elas hostilizam o homem a quem amam porque o amor as leva a descobrir o desejo, que não aceitam, fazendo-as odiar a quem o provoca. Disso não escapa nem mesmo Lúcia, que já conhecia o prazer e o renegava com horror. Quando esse movimento convulsivo dos sentidos ia até o exagero, sem satisfação possível, eclodiam as famosas “histéricas” que Freud estudou, e que desapareceram quando os costumes mudaram.

Certamente tais romances para moças eram menos cândidos do que pareciam. Ou então foram nossas leitoras que perderam a inocência. Dois traços relevam mais do mórbido que do decoroso: o óbvio sadomasoquismo e a podofilia, ou o fetichismo do pé. O sadomasoquismo manifesta-se na abjeção a que se entregam as personagens femininas e nas penitências

que seus amados lhes impõem. Ré no tribunal da própria consciência, cúmplice de Paulo nos castigos que recebe com contrição, Lúcia assume a culpa por sua degradação. Quanto à podofilia, nunca falta a alusão ao “pé mimoso”, disseminada por toda a obra. Em *A pata da gazela*, onde aparece concentrada e tematizada desde o título, não só o narrador mas também a heroína está ciente dela, explora-a e se diverte manipulando-a no noivo. A fixação no pé como objeto erótico era da época. Os basbaques ficavam espreitando o que era possível entrever sob a orla das saias e anáguas que roçavam o chão, quando a dona do pé descia da calçada, saltava uma poça d’água, galgava o estribo da caleça. E não só em Alencar: o pé guindado a fetiche está amplamente preservado na literatura desses tempos.

Entre tantos e tão ricos elementos que constituem *Lucíola*, surpreendentes além de ousados, não deve passar em branco a astúcia do jogo que se opera entre, de um lado, o narrador onisciente e, de outro lado, o narrador-personagem implicado no enredo. Ambos são um e o mesmo Paulo, amante de Lúcia; mas eles se cindem dessa maneira. O narrador onisciente, que escreve *a posteriori*, sabe decifrar o enigma dos arroubos extravagantes de Lúcia — mas só *a posteriori*. O trecho do passado, narrado no presente, habilmente mostra ao mesmo tempo o comportamento impecável de Lúcia quando se apaixona e a incompreensão de Paulo (que o leitor partilha), iludido por preconceitos, aliás no que em nada destoa de sua época. A explicação só será dada no fim, esclarecendo o leitor. Essa habilidade formal é em grande parte responsável pelo romance ser bem-sucedido como obra de arte.

No entanto, resta uma tensão não resolvida e talvez insolúvel dentro de cada um destes “perfis de mulher”, que intervém entre o vigor da protagonista e as convenções do romance romântico: ela transborda do papel que lhe atribuíram, comprometendo no mesmo gesto sua função de catalisador sentimental. O leitor observará de saída que as heroínas são mais lúcidas e mais inteligentes que seus parceiros masculinos. O final infalível de sujeição da heroína não anula seu percurso, mas instaura uma fratura nesse amplexo tempestuoso: dotada da energia dos apetites robustos, ela vai extirpá-los de si para ser digna do amor, ao preço da ruína e do aniquilamento.



Lucíola

Reuni as suas cartas e fiz um livro.

Eis o destino que lhes dou; quanto ao título, não me foi difícil achar.

O nome da moça, cujo perfil o senhor desenhou com tanto esmero, lembrou-me o nome de um inseto.

Lucíola é o lampiro noturno que brilha de uma luz tão viva no seio da treva e à beira dos charcos. Não será a imagem verdadeira da mulher que no abismo da perdição conserva a pureza d'alma?

Deixem que raivem os moralistas.

A sua história não tem pretensões a vestal. É musa cristã: vai trilhando o pó com os olhos no céu. Podem as urzes do caminho dilacerar-lhe a roupa-gem: veste-a a virtude.

Demais, se o livro cair nas mãos de alguma das poucas mulheres que leem neste país, ela verá estátuas e quadros de mitologia, a que não falta nem o véu da graça, nem a folha de figueira, símbolos do pudor no Olimpo e no Paraíso terrestre.

Novembro de 1861.

G.M.



A senhora estranhou, na última vez que estivemos juntos, a minha excessiva indulgência pelas criaturas infelizes, que escandalizam a sociedade com a ostentação do seu luxo e extravagâncias.

Quis responder-lhe imediatamente, tanto é o apreço em que tenho o tato sutil e esquisito da mulher superior para julgar de uma questão de sentimento. Não o fiz, porque vi sentada no sofá, do outro lado do salão, sua neta, gentil menina de 16 anos, flor cândida e suave, que mal desabrocha à sombra materna. Embora não pudesse ouvir-nos, a minha história seria uma profanação na atmosfera que ela purificava com os perfumes da sua inocência; e — quem sabe? — talvez por ignota repercussão o melindre de seu pudor se arrufasse unicamente com os palpites de emoções que iam acordar em minha alma.

Receei também que a palavra viva, rápida e impressionável não pudesse, como a pena calma e refletida, perscrutar os mistérios que desejava desvendar-lhe, sem romper alguns fios da tênue gaza com que a fina educação envolve certas ideias, como envolve a moda em rendas e tecidos diáfanos os mais sedutores encantos da mulher. Vê-se tudo; mas furta-se aos olhos a indecente nudez.

Calando-me naquela ocasião, prometi dar-lhe a razão que a senhora exigia; e cumpro o meu propósito mais cedo do que pensava. Trouxe no desejo de agradecer-lhe a inspiração; e achei voltando a insônia de recordações que despertara a nossa conversa. Escrevi as páginas que lhe envio, às quais a senhora dará um título e o destino que merecerem. É um *perfil de mulher* apenas esboçado.

Desculpe, se alguma vez a fizer corar sob os seus cabelos brancos, pura e santa coroa de uma virtude que eu respeito. O rubor vexa em face de um homem; mas em face do papel, muda e impassível testemunha, ele deve ser para aquelas que já imolaram à velhice os últimos desejos, uma como essência de gozos extintos, ou extremo perfume que deixam nos espinhos as desfolhadas rosas.

De resto, a senhora sabe que não é possível pintar sem que a luz projete claros e escuros. Às sombras do meu quadro se esfumam traços carregados, contrastam debuxando o relevo e colorido de límpidos contornos.

II

A primeira vez que vim ao Rio de Janeiro foi em 1855. Poucos dias depois da minha chegada, um amigo e companheiro de infância, o Dr. Sá, levou-me à festa da Glória¹; uma das poucas festas populares da corte. Conforme o costume, a grande romaria desfilando pela Rua da Lapa e ao longo do cais, serpejava nas faldas do outeiro e apinhava-se em torno da poética ermida, cujo âmbito regurgitava com a multidão do povo.

Era *ave-maria*² quando chegamos ao adro; perdida a esperança de romper a mole de gente que murava cada uma das portas da igreja, nos resignamos a gozar da fresca viração que vinha do mar, contemplando o delicioso panorama da baía e admirando ou criticando as devotas que também tinham chegado tarde e pareciam satisfeitas com a exibição de seus adornos.

Enquanto Sá era disputado pelos numerosos amigos e conhecidos, gozava eu da minha tranquila e independente obscuridade, sentado comodamente sobre a pequena muralha e resolvido a estabelecer ali o meu observatório. Para um provinciano recém-chegado à corte, que melhor festa do que ver passar-lhe pelos olhos, à doce luz da tarde, uma parte da população desta grande cidade, com os seus vários matizes e infinitas gradações?

Todas as raças, desde o caucasiano sem mescla até o africano puro; todas as posições, desde as ilustrações da política, da fortuna ou do talento, até o proletário humilde e desconhecido; todas as profissões, desde o banqueiro até o mendigo; finalmente, todos os tipos grotescos da sociedade brasileira, desde a arrogante nulidade até a vil lisonja, desfilaram em face de mim, roçando a seda e a casimira pela baeta ou pelo algodão, misturando os perfumes delicados às impuras exalações, o fumo aromático do havana às acres baforadas do cigarro de palha.

— É uma festa filosófica essa festa da Glória! Aprendi mais naquela meia hora de observação do que nos cinco anos que acabava de desperdiçar em Olinda com uma prodigalidade verdadeiramente brasileira.

1 **festa da Glória:** procissão em louvor de Nossa Senhora da Glória. Dirigia-se para o Outeiro da Glória, na cidade do Rio de Janeiro, onde se encontra a igreja construída no século XVIII. (N.E.)

2 **ave-maria:** neste caso, fim da tarde, entardecer. (N.E.)